



## As dicas femininas nas colunas de Clarice Lispector<sup>1</sup>

Anita Gonçalves Hoffmann<sup>2</sup>

Rosana Gonçalves<sup>3</sup>

Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira<sup>4</sup>

Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, Paraná

### RESUMO

Clarice Lispector é muito conhecida pelo público e pela crítica por seus trabalhos como romancista, mas pouco se conhece sobre o seu lado jornalista. Atuando por mais de trinta anos como cronista, repórter e entrevistadora de colunas femininas, Clarice estabeleceu uma relação estreita com suas leitoras sem se identificar, usando codinomes. Clarice falou sobre assuntos corriqueiros e, talvez, fúteis, com pitadas de seu pensamento moderno e de sua ironia sutil. Pretende-se, neste trabalho, analisar alguns textos encontrados nos livros *Correio Feminino* e *Só para mulheres*, abordando, especificamente, a forma como Clarice Lispector concebia as mulheres da época e verificando o tratamento que a imprensa dava ao público feminino.

**PALAVRAS-CHAVE:** Clarice Lispector; colunas ; imprensa feminina.

I

### Clarice Lispector: um universo em uma só mulher

Tudo começou com um convite de Rubem Braga para escrever uma coluna feminina no jornal “O Comício. Surgia ali a faceta ainda pouco conhecida de uma das escritoras mais importantes da literatura brasileira, Clarice Lispector. O ofício de romancista passou a dividir lugar com a função paralela de jornalista, mas Clarice sempre deixou claro que sua paixão era a literatura; as suas colunas só serviam como um auxílio financeiro no final do mês. Poucos sabem e pouco é divulgado sobre isso, mas Clarice Lispector foi uma das primeiras mulheres a atuarem no jornalismo brasileiro e na imprensa feminina nacional.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Estudante de graduação do 3º ano de Jornalismo da Universidade Estadual do Centro-Oeste e bolsista de Iniciação Científica do CNPq. E-mail: aninarusegawa@gmail.com

<sup>3</sup> Professora do curso de Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste e Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. E-mail: rgon\_1@hotmail.com

<sup>4</sup> Orientadora do trabalho. Professora do curso de Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste e Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. E-mail: ninciaborgesteixeira@yahoo.com.br



Este trabalho pretende traçar o perfil e as principais características que Clarice Lispector criou, no papel de jornalista, para seus pseudônimos Tereza Quadros, Helen Palmer e Ilka Soares, analisando as peculiaridades temáticas de cada uma e a maneira com a qual Clarice se dirigia ao público feminino da época. O estudo da imprensa feminina do Brasil, desenvolvido por Dulcília Schroeder Buitoni, serve como aparato teórico ao entendimento do modo em que Clarice Lispector se portava como jornalista feminina nas décadas de 50 e 60, período no qual o auge da revolução feminista ainda não tinha acontecido.

Edma Cristina Alencar de Góis, em sua dissertação de mestrado, intitulada “O dever da faceirice: corpo e feminidade no colunismo e na ficção de Clarice Lispector” resume claramente o porquê da escolha deste tema. Faço das dela, as minhas palavras:

Um dos motivos que torna mais instigante a pesquisa é o quase uníssono sobre a obra de Clarice Lispector no jornal para e sobre mulheres. A produção jornalística é sempre tida como inferior à literária. Quando essa produção está no terreno da imprensa feminina, então, é praticamente esquecida, colocada de lado, encarada como de pouco valor (GÓIS, p.12, 2007).

### **A imprensa feita pra elas e por elas**

A imprensa no Brasil iniciou de forma bastante tardia; os primeiros equipamentos para impressão dos jornais só chegaram às terras tupiniquins após a vinda da Família Real Portuguesa, em 1808. A chegada de habitantes tão nobres e importantes fez com que o Brasil se adaptasse às suas necessidades européias e adquirisse um ar metropolitano. Com a imprensa feminina o cenário não foi diferente. Nesse caso, o problema era ainda maior, pois a leitura não era vista com bons olhos para as mulheres, a educação era concebida como meio de subversão.

Seguindo os costumes portugueses, devido à influência moura, a mulher quase não saía de casa, a não ser para ir à missa. Vivia cozinhando e fazendo rendas; raramente os pais deixavam as filhas estudarem, sob a alegação de que elas poderiam assim manter correspondências amorosas não consentidas. O hábito de enviar as filhas à escola só foi absorvido pelas famílias de posses por volta da metade do século. Então, se os homens letrados eram poucos, as mulheres alfabetizadas formavam um número bem reduzido (BUITONI, p.36, 1980).

O primeiro registro da imprensa feminina mundial é o periódico inglês *Lady's Mercury*, lançado em 1693, quando nem se sonhava em instituir uma imprensa no



Brasil. Segundo a escritora Dulcília Buitoni, aqui, o primeiro periódico feminino foi o carioca *O Espelho Diamantino*, lançado em 1827, 134 anos após o *Lady's Mercury*. Os assuntos tratados no periódico giravam em torno de política, literatura, belas-artes e modas.

Na imprensa feminina do século XIX, existiam dois grupos bem definidos: o “tradicional”, que perpetuava a ideia de que a mulher deveria se dedicar apenas ao lar e à família, e o “progressista”, que defendia os direitos das mulheres. De acordo com Eugênia Melo Cabral, o precursor do grupo progressista aqui foi o *Jornal das Senhoras*, fundado em 1852. “Estranhamente, o público alvo do Jornal das Senhoras não era o feminino e sim os homens. Era usada uma linguagem persuasiva para convencê-los de que a mulher não era uma boneca-propriedade deles” (CABRAL, p.4).

No século XIX, provavelmente não houve uma imprensa no Brasil que não carregasse a literatura e a moda como suas principais pautas. Hoje em dia, a literatura deixou de ser um assunto tratado nas revistas femininas, mas a moda permanece imperando como um dos principais temas. Basta abrirmos qualquer revista especializada para mulheres que depararemos com tendências de moda e dicas para se vestir bem e se destacar entre seus pares.

Moda e literatura eram, portanto, as duas impulsionadoras dessa imprensa que começava a se consolidar. Duas razões importantes para que jornais e revistas fossem assinados e ansiosamente esperados: traziam a continuação dos romances lidos em série e os novos modelos de Paris. Moda e literatura se uniam para criar uma espécie de necessidade temporal, uma de acompanhamento da narrativa, outra de “atualização” com o que se usava na Europa. Ambas ligavam-se ao tempo, dando um certo caráter jornalístico às publicações – além do noticiário cultural, este sim, bastante jornalístico (BUITONI, p.41, 1980).

Foi na década de 50 do século XX, período no qual Clarice Lispector começou a escrever suas colunas, que a intensidade da imprensa feminina aumentou, pois houve uma ampliação da classe média e uma aceleração do consumo do país. As mulheres da época queriam saber sobre as novidades do lar, sobre como cuidar da família, sobre dicas culinárias, e, principalmente, sobre como proceder em relação aos dilemas sentimentais.

### **Clarice ou Tereza ou Helen ou Ilka**



Escritora, jornalista, tradutora, esposa, mãe... mulher! A vida de Clarice Lispector é permeada de lirismo e singelezas; a palavra foi sua cúmplice por toda a vida. A ideia inicial de Clarice não era ser romancista, tampouco jornalista; Clarice formou-se em Direito na Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro. Foi durante seu curso que a moça percebeu que tinha aptidões para a escrita e começou a fazer trabalhos em jornais e revistas. Sua primeira entrevista publicada e também sua estréia como ficcionista foram em 1940, na *Vamos lêr!* e na revista *Pan*, respectivamente. O mais interessante é que, apesar de ter escrito alguns textos para jornais durante sua faculdade, assinando como Clarice Lispector mesmo, seu lado jornalístico mais interessante diz respeito às colunas femininas que escrevia utilizando pseudônimos.

Apesar das posições distintas da Clarice jornalista e da Clarice romancista, pode-se encontrar muito de uma na outra; é como se as duas funções complementassem o seu universo temático. Muito da feminilidade e da polidez, características sempre bastante sugeridas nas dicas das suas colunas, são presentes nas composições das personagens de seus romances; muitas das sutilezas e detalhes comuns em sua ficção também podem ser visíveis em seus escritos jornalísticos.

Além de Tereza Quadros, codinome utilizado em “O Comício”, Clarice também escreveu para os jornais *Correio da Manhã* como Helen Palmer e para o *Diário da Noite* como a *ghost writer* da atriz e manequim Ilka Soares. Mas por que Clarice não se identificava em seus escritos jornalísticos? Seria por que suas colunas não condiziam com sua posição como escritora renomada e à frente de seu tempo ou com a posição de esposa de um representante diplomático?

No *Comício*, jornal de Rubem Braga, Joel Silveira e Rafael Côrrea de Oliveira, Clarice, sob o pseudônimo de Tereza Quadros, publicou uma coluna intitulada “Entre Mulheres”. Através de uma linguagem simples, acessível a todos os tipos de leitoras, Clarice se aproximou dos anseios femininos, fazendo com que as mulheres que liam suas colunas se sentissem como suas amigas íntimas.

Sob o pseudônimo de Tereza Quadros, Clarice Lispector publicará nesta sua coluna feminina alguns rudimentos de crônica em páginas onde se misturam conselhos de etiqueta, moda, culinária, maquiagem, postura e tudo o mais que cerca o universo da mulher, mãe e esposa (NUNES, p.2, 2006).



Pode-se dizer que Tereza Quadros foi um primeiro passo muito bem dado na carreira de colunista feminina de Clarice Lispector. Suas crônicas jornalísticas não ficaram atadas aos temas relacionados ao lar e à família, por muitas vezes, ultrapassando os limiares do trivial e corriqueiro.

O que se comprova é que a ficcionista incluiu, no contato semanal com as leitoras de *Comício*, um bocado dos seus gostos literários. Porque, além de falar de roupas e de outros assuntos considerados fúteis, Tereza Quadros também reproduzia textos e opiniões de autores que, esses sim, sua criadora precisava ter “experimentado” (Encarte da edição especial dos Cadernos de Literatura Brasileira, p.6, 2004).

A coluna “Entre Mulheres” durou apenas quatro meses - de maio a setembro de 1952 - mas foi tempo suficiente para Clarice se consagrar como um dos grandes nomes da imprensa feminina da época.

A partir de agosto de 1959, Clarice passou a assinar a segunda coluna feminina, “Feira de Utilidades”, presente no jornal *Correio da Manhã*. Após seu divórcio, Clarice definitivamente necessitou de uma segunda fonte de renda, pois apenas da literatura não era possível viver, logo, voltar a ser jornalista foi a sua opção.

No *Correio da Manhã*, Clarice deixou seu codinome Tereza Quadros de lado e “encarnou” outra personagem, dessa vez o nome escolhido era Helen Palmer. Assim como o nome da colunista mudou, alguns temas também passaram a ser tratados de forma diferente. Muitos consideram que Helen era muito menos sofisticada do que Tereza Quadros, portanto, percebe-se que Clarice Lispector realmente era uma rainha nos jogos do disfarce.

A colaboração tinha o patrocínio da indústria de cosméticos Pond’s, que propusera a coluna, determinando inclusive a sua forma, com o objetivo de passar à leitora mensagens publicitárias “subliminares”. Sem mencionar a marca, a seção deveria fazer com que o seu público associasse os conselhos de beleza ali apresentados aos produtos que a empresa anunciaria (Encarte da edição especial dos Cadernos de Literatura Brasileira, p.7, 2004).

Como Helen Palmer, Clarice exerceu uma função que podemos presenciar explicitamente em nossa imprensa feminina atual: ela ajudou a fortalecer os padrões de beleza da época, incentivando o uso de cremes, maquiagens e artifícios para retardar o envelhecimento.



Os temas corriqueiros são dicas de tratamento para todos os tipos de pele, uso de vitaminas, cuidados com os cabelos e emagrecimento da silhueta. Ela deixa claro que a imagem da mulher deve estar em perfeita sintonia com a beleza e dá conselhos de como fazer isso [...] (GÓIS, p.88, 2007).

A mulher da década de 60 não era muito diferente da atual; a velhice sempre foi um fantasma a ser combatido.

[...] tais idéias tinham também por meta levar a mulher com mais idade, aquela com mais de trinta anos, a nutrir sentimentos de insegurança por envelhecer. Para impor um produto, a indústria dos cosméticos, juntamente com a mídia, cria padrões de beleza e consagra a mulher jovem” (NUNES, p. 9).

A coluna no jornal *Correio da Manhã* durou até fevereiro de 1961, mas quando seu trabalho como Helen Palmer chegou ao fim, Clarice não estava desempregada. Paralelamente à coluna “Feira de Utilidades”, em 1960, ela começou a escrever também uma coluna no jornal *Diário da Noite*, conduzido por Alberto Dines. A função da ficcionista agora era um pouco diferente: Clarice teria que ser a *ghost writer* da modelo e atriz Ilka Soares, uma das moças mais bonitas e famosas da época.

A celebridade e a escritora começaram um “trabalho de equipe”, reunindo-se para acertar detalhes de “Só para Mulheres” (esse era o nome da seção); conversavam em especial sobre moda, Clarice Lispector ouvindo Ilka Soares, como se fosse uma repórter, ou observando a atriz, com olhos ficcionistas, para compor sua personagem (Encarte da edição especial dos *Cadernos de Literatura Brasileira*, p.7, 2004).

Nas páginas de “Só para Mulheres”, Ilka Soares, ou melhor, Clarice Lispector, “[...] incorporando o universo das passarelas e o *glamour* das estrelas, conversa diariamente com sua leitora[...]. A colunista, num discurso de intimidade, compartilha os seus segredos com o público que a lê” (NUNES, p.10, 2006). Como Ilka, Clarice porta-se de forma distinta, agora ela não é só a amiga experiente que entende a leitora e oferece conselhos sentimentais e sociais; Ilka Soares é a mulher de sucesso, realizada na vida, que compartilha dicas e tendências do momento, mas que se posiciona, não num patamar igual ao da leitora, mas em uma posição superior.

Segundo Aparecida Maria Nunes, na coletânea de crônicas realizada sob sua organização, *Correio Feminino*, Clarice Lispector escreveu de segunda a sábado, de abril de 1960 a março de 1961, 291 colunas de página inteira, sendo também



responsável pela diagramação de suas páginas. Ela não pensava apenas em relação a sua escrita, mas necessitava visualizar como sua página ficaria composta. Recortes de revistas européias e desenhos bastante coloridos eram utilizados para compor a editoração do “Só para mulheres”. Se analisarmos a imprensa feminina atual, por exemplo, revistas como *Cláudia*, *Marie Claire* e *Nova*, perceberemos que a diagramação bastante delicada e colorida continua fazendo parte das editorias.

Uma das grandes polêmicas em relação aos textos femininos que Clarice Lispector escreveu diz respeito a suas classificações. Existem pessoas que dizem que eles são colunas, outras acreditam que eles podem ser considerados crônicas jornalísticas. Em sua dissertação de mestrado, Edma Cristina Alencar de Góis preferiu classificar os textos jornalísticos de Clarice como colunas. Em sua essência, a coluna é o entrecruzamento de várias expressões noticiosas.

A coluna como gênero possui pontos de intersecção com a crônica e o comentário, mas também divergências que a tornam autônoma. A crônica, por exemplo, ainda que aproximada da função poética e formulando um pacto literário, apega-se a um fato cotidiano como enredo. Ela também pode migrar para o campo literário. Já a coluna funciona como um conjunto de pequenas ou médias notas sobre assuntos diversos (GÓIS, p.25, 2007).

José Marques de Melo nos dá a definição de coluna:

A coluna é a seção especializada de jornal e revista, publicada com regularidade, geralmente assinada, e redigida em estilo mais livre e pessoal do que o noticiário comum. Compõe-se de notas, sueltos, crônicas, artigos ou textos-legendas, podendo adotar, lado a lado, várias dessas formas.(MELO *apud* GÓIS, p.25, 2007)

De acordo com Davi Jr Arrigucci, a crônica está estritamente ligada à noção de tempo. Quando apenas jornalística, ela passa pelo mesmo processo dos jornais: perde sua atualidade diariamente e é esquecida facilmente, sendo substituída por outra e mais outras. O caráter literário das crônicas jornalísticas só é adquirido na medida em que elas ultrapassam as barreiras do tempo e do espaço, que sobrevivem às tantas outras que se apresentam posteriormente e continuam com o ar da novidade e da contemporaneidade de suas ideias, qualidades que se configuram na literariedade e que colocam-nas no rol das ditas obras literárias.

[...] Agora se trata simplesmente de um relato ou comentário de fatos corriqueiros do dia-a-dia, dos *faits divers*, fatos da atualidade que alimentam o noticiário dos jornais desde que estes se tornaram



instrumentos de informação de grande tiragem, no século passado. A crônica virou uma seção do jornal ou da revista. Para que se possa compreendê-la adequadamente, em seu modo de ser e significação, deve ser pensada, sem dúvida, em relação com a imprensa, a que esteve sempre vinculada com sua produção (ARRIGUCCI, p. 52, 1987)

### **Últimos apontamentos**

Isto posto, voltemo-nos à classificação das crônicas clariceanas, principalmente as referenciadas neste artigo. Em princípio, ocorre um estranhamento por parte do leitor, que suscita várias reflexões: Como pôde uma escritora como Clarice Lispector, tão reverenciada pela profundidade de seus temas e pelo cunho psicológico e experimental que deu a suas obras, escrever artigos tão úteis/(f)úteis, que tratam de assuntos corriqueiros e banais do universo feminino? Será que o fato de Clarice ter assinado suas “crônicas” com pseudônimos foi uma forma de encobrir sua verdadeira identidade e de rejeitar um conteúdo que procurava evitar em sua obra ficcional-artística? São suas crônicas a prova definitiva de que “a ocasião faz o ladrão”? Qual a pertinência do resgate de crônicas que destoam tão profundamente daquilo que conhecemos de Clarice?

Começemos pela última indagação. Conhecer essa faceta de Clarice Lispector ajuda-nos a construir o poliedro que a caracteriza por suas mil facetas. Existiu sim uma Clarice intelectual, introspectiva, complexa em sua multiplicidade, mas existiu também a Clarice mulher, a Clarice mãe, símbolo de seu tempo, que precisava prover seu lar com o fruto de seu trabalho e, para isso, recorreu àquilo que sabia fazer melhor: escrever. Essa Clarice precisa ser conhecida e valorizada. Quanto ao uso dos pseudônimos, é plausível afirmar que esse foi um dos tantos artifícios clariceanos. Ao assinar como uma ou outra pessoa, ela tinha a mobilidade da significação e cada uma de suas máscaras comportava uma personalidade feminina, que se revelava a cada dia, em cada dica, em cada reflexão sobre o universo das mulheres.

“Utilidade/ (f)utilidade” são conceitos relativos, principalmente numa sociedade pós-moderna como a nossa, onde os extremos se chocam, se harmonizam e se complexificam.

Clarice é uma digna representante das mulheres de sua e de nossa época. Suas obras, ficcionais ou não, complexas ou amenas, sugestivas ou apenas representativas, que a digam.



## Referências Bibliográficas

ARRIGUCCI, Jr, Davi. **Enigma e comentário-** ensaios sobre literatura e experiência. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

BUITONI, Dulcília Schroeder. **Imprensa Feminina**. 2ª edição, São Paulo: Ática, 1980.

CABRAL, Eugênia Melo. **Primeiras Histórias-** o surgimento das imprensas feminina e feminista no Brasil. Disponível em: <http://repositorio.bce.unb.br/handle/10482/3303>

GÓIS, Edma Cristina Alencar de. **O dever da faceirice:** corpo e feminidade no colonismo e na ficção de Clarice Lispector. Disponível em: <http://repositorio.bce.unb.br/handle/10482/3303>

NUNES, Aparecida Maria. **Correio Feminino/** Clarice Lispector; Organização de Aparecida Maria Nunes. – Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

\_\_\_\_\_. **Os conflitos da alma feminina nas colunas escritas por Clarice Lispector nos anos dourados.** Disponível em: <https://mail.google.com/mail/?attid=0.4&th=12623880497c83af&disp=vah&view=att>

Encarte **Clarice jornalista:** um ofício paralelo (sem identificação do autor) publicado como encarte da edição especial dos Cadernos de Literatura Brasileira, números 17 e 18.